



Divulgando a arte brasileira

Flavio Felicio Botton¹

Resenha de:

CARDOSO, Rafael. **A arte brasileira em 25 quadros [1790-1930]**. Rio de Janeiro: Record, 2008. 224 p.

O interessado em arte europeia tem, nos dias atuais, com o advento da rede mundial de computadores, um passaporte livre que o leva à presença da maioria das mais importantes obras de quase todos os grandes artistas.

Para apreciar um quadro qualquer de Caravaggio, por exemplo, basta uma rápida consulta à internet e lá estará tudo o que se quer ver. Se alguém desejasse comparar a face do garoto que é o **Tocador de alaúde** (1596), com o rosto do jovem que está por trás do mesmo personagem na tela **Os músicos** (1595-96), poderia fazê-lo num instante, sem correr toda a distância entre o *Hermitage*, em São Petersburgo, na Rússia, onde encontra-se a primeira das telas, e o *Metropolitan Museum*, em Nova York, instituição que expõe a segunda.

Em alguns casos, como o da **Última ceia** (1498), de Leonardo da Vinci, um usuário da rede pode ver detalhes em altíssima resolução, disponíveis em <<http://www.haltadefinizione.com/>>, que os presentes à Santa Maria della Grazie, em Milão, não poderiam sequer suspeitar.

Já os trajetos, tendo como motivo de busca a arte brasileira, seriam tremendamente mais extensos. Desafie-se qualquer um a encontrar, na mesma rede, boas reproduções de obras de autores brasileiros (ou que pertençam a museus nacionais). Apenas com muita dificuldade poder-se-ia conferir a guarda pessoal de D. Pedro, correndo a montar nos cavalos para tomar posição junto ao futuro imperador do Brasil. Essa movimentação, que ocorre à direita de uma das mais grandiosas e conhecidas telas da arte brasileira, **Independência ou morte** (1888), de Pedro Américo, quase some na baixíssima resolução e no pequeno tamanho das reproduções encontradas na rede.

¹ Professor de História da Arte da Universidade do Grande ABC. Mestre e doutorando pela USP.

Infelizmente, deparamo-nos com problema semelhante nas estantes de livrarias e bibliotecas. As publicações sobre arte e sobre história da arte européia têm, por inúmeros fatores, preços de venda nada módicos, o que dificulta bastante o acesso a elas. A isso, no que tange à arte brasileira, some-se que, além de caras, são raras as publicações confiáveis. Poucas são as obras que nos dão panoramas mais amplos e bem esclarecedores sobre a nossa arte. Em oposição a alentadas histórias da arte como as de Gombrich, Argan, Hauser e Janson, quantos nomes tão confiáveis quanto esses poderíamos citar, tratando do mesmo tema no Brasil? No mesmo sentido, os trabalhos monográficos sofrem com seus próprios problemas. Embora devamos louvar a recente publicação da Coleção *Folha Grandes Pintores Brasileiros*, poucos seriam os exemplos em que o mercado editorial se arriscou com trabalhos sobre artistas menos célebres.

Alguns dos questionamentos levantados aqui apareceram também ao autor da excelente obra em epígrafe dessa resenha, Rafael Cardoso, em seu **A arte brasileira em 25 quadros [1790-1930]**.

Pergunta-se o autor, como escolher apenas algumas poucas obras em um universo tão amplo? Quais critérios a serem adotados? Por que escolher um no lugar de outro pintor? Pode-se responder rapidamente que, em vista do escasso painel de publicações no assunto, nada disso importaria, toda contribuição é bem-vinda, assim como toda lista é criadora de polêmica. Mas, melhor ainda, a lista de Cardoso é extremamente produtiva. Mesmo sem falar claramente em movimentos artísticos, o autor consegue descrever com precisão a situação histórica que assistiu à produção de cada uma das obras eleitas e, em alguns casos, realizar ainda uma leitura bastante arguta dos quadros escolhidos.

Isso tudo, somado à louvável disposição de falar não apenas com especialistas em arte, mas também com o observador comum, proporciona uma proficuidade interessante para a obra de Cardoso, que já tenciona popularizar a arte brasileira. Pensamos aqui, em uma sugestão de trabalho propícia para os professores de Literatura do Ensino Médio, que sofrem ao proporem a leitura aos alunos, criados em meio à linguagem audiovisual.

Os mestres que procuram aliar a imagem à palavra podem levar os alunos a usufruir vários capítulos de **A arte brasileira em 25 quadros**, traçando paralelos entre a história da arte e a história da literatura, projetando imagens e associando-as a determinados textos literários.

Exemplo disso poderia ser o capítulo dedicado à **Arrufos**, de Belmiro de Almeida, cujas relações com a literatura realista saltam aos olhos de qualquer professor. Já nas

primeiras contextualizações traçadas pelo autor a respeito do quadro, comenta-se que a importância atribuída à obra de Almeida, por críticos da época, seria o fato de ela apresentar um tema cotidiano, ao contrário da pintura do Romantismo, assim como da pintura acadêmica. Essa observação nos remete às críticas tecidas por escritores realistas em relação também à literatura romântica, que seria, segundo Eça de Queirós, por exemplo, de todos os tempos “menos do nosso”.

O paralelo com Eça, aqui sugerido, poderia seguir mesmo ao tratar da descrição do quadro feita por Rafael Cardoso. A tela está claramente dividida em duas áreas. A primeira, à esquerda, é dedicada à moça chorosa, que se arremessou ao chão, apoiou-se no sofá e está a chorar desesperadamente. Nesse campo, imperam as chamadas “frivolidades”: as almofadas, os bordados, a tapeçaria, além de um leque decorado com motivos orientais. Até mesmo a rosa despedaçada, ao chão, nos lembra a moça educada pelos padrões românticos do século XIX, freqüentemente descrita nos romances realistas. Na área à direita, impera a sobriedade da figura masculina. Supõe o autor, bastante acertadamente, que o homem acaba de anunciar o fim da relação dos dois. Ao mesmo tempo em que ela sofre com a notícia, ele fuma “filosoficamente” seu charuto, sem, nem sequer, retirar a luva da mão esquerda, o que mostra que o dândi não pretende permanecer além do estritamente necessário no local. Não carecia de ter sido citado o nome de Eça de Queirós para que a cena nos lembrasse algumas passagens de **O primo Basílio**, romance do escritor português, que nos traz duas personagens bastante parecidas com as de Belmiro de Almeida.

A semelhança apontada poderia ser bem explorada em uma aula de literatura utilizando, de forma planejada, as duas linguagens artísticas. Ainda mais possibilidades abrem-se no capítulo sobre a obra de Victor Meirelles, **A primeira missa no Brasil**. Aqui, além das passagens da **Carta de Caminha**, árido texto para os novos leitores, que poderiam ser lidas observando-se o quadro, temos a própria leitura de um pintor romântico sobre o passado histórico de nosso país, fato que várias vezes aconteceu na literatura brasileira, com José de Alencar ou mesmo com Gonçalves Dias, por exemplo.

Se, como já pensavam os antigos, a pintura é como a poesia, se é possível “narrar com o pincel”, ou admitir, como Simonide de Ceos, ainda no Século VI a.C., que a pintura é uma poesia muda, assim como a poesia é uma pintura falante, por que não haveríamos de nos aproveitar, para a prática profissional cotidiana, das perspicazes leituras de Rafael Cardoso? Ao procurar popularizar a arte brasileira, o autor pode ter nos ajudado a facilitar o acesso, não só à pintura de nosso país, como também à literatura em língua portuguesa.